



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do Hospital Municipal Doutor Moacir Rodrigues
do Carmo**

Duque de Caxias-RJ, 13 de setembro de 2008

Meu querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro,
Sérgio Cabral,

Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Luiz Fernando de Souza Pezão, vice-
governador do estado do Rio de Janeiro,

Deputado Jorge Picciani, presidente da Assembléia Legislativa do Rio de
Janeiro,

Deputado federal Jorge Bittar,

Sérgio Côrtes, secretário estadual de Saúde do Rio de Janeiro,

Nossa querida companheira Benedita da Silva, secretária estadual de
Assistência Social e Direitos Humanos,

Regis Fichtner, secretário estadual e chefe da Casa Civil,

Wilson Carlos, secretário estadual de Governo do Rio de Janeiro,

Oscar Berro, secretário municipal de Saúde de Duque de Caxias,

Meus queridos companheiros e companheiras de Duque de Caxias,

Meu presidente Roberto Dinamite,

Meu querido Jairzinho, o nosso “furacão” da Copa de 70,

Altair, jogador importante no Fluminense,

O Silva foi mais importante quando jogou no Corinthians,

O Roberto Miranda também foi importante quando saiu do Botafogo e foi
jogar no Corinthians. Você sabe que tenho até hoje um gol de voleio que você
marcou no Corinthians, logo no começo da sua carreira?

Meu caro Jair Marinho,



O Amarildo - que os jovens não se lembram - teve a incumbência de substituir o Pelé na Copa de 1962, no Chile e, junto com o Garrincha, ganhou aquela Copa. Ele já estava jogando no Milan quando veio jogar com o Santos, aqui, o título Mundial Interclubes, que o nosso querido Almiro (inaudível) deu uma patada nele logo no começo do jogo. O Milan havia ganho de 4 a 2 do Santos, lá na Itália, e, aqui, ganhamos de 4 a 2 e, depois, ganhamos de 1 a 0. Esses dias, conversei com o Pepe e lembrava os dois gols de falta que ele fez.

Quem falta cumprimentar? O Jair Marinho, nosso querido Jair Marinho. Todos eles passaram pela Seleção brasileira. Só não teve sorte de jogar no Corinthians o Roberto Dinamite, porque foi para o Barcelona, e depois não cabia mais no time do Corinthians. Volta e marca cinco gols contra o Corinthians, aí é demais...

Estou dizendo isso porque falar com jogadores tão importantes, que a gente conseguia ver só pela televisão... A gente pensava que eles eram maiores do que são, mais fortes. O Jair Marinho, com aquele tamanho, não sei como jogava bola.

De qualquer forma, acho importante vocês assistirem aos jogos da Seleção brasileira e, de vez em quando, dar palpite, para ver se os nossos jovens... Muitas vezes, o artista, que é o jogador de bola que está dentro do campo, não tem dimensão do que pensa a gente humilde deste país que está assistindo a um jogo. Ganhar ou perder é consequência. O torcedor não fica nervoso se seu time perde, mas vê o jogador suando a camisa, ele vai para casa satisfeito. Por isso é que quando tem um jogador que corre e que se mata, a torcida aplaude. Agora, duro são aqueles que ficam o tempo inteiro esperando a bola chegar no seu pé, e quando perdem a bola, acham que a responsabilidade de tirar a bola é da defesa, e não dele.

Não sei se vocês trabalham com escolinha de futebol, mas é importante que essa meninada toda que está treinando hoje aprenda uma coisa: jogar é extremamente importante, ganhar dinheiro é extremamente importante. Fico



feliz da vida quando um jovem pobre fica famoso e ganha dinheiro. Mas é preciso que a gente saiba que na nossa vida profissional tem alguém que, ou vai ao estádio com muito sacrifício, ou às vezes fica na frente de uma televisão depositando toda a sua expectativa naqueles companheiros. E colocar o coração, para jogar bola, é uma coisa extremamente necessária, porque o povo sente isso do outro lado da tela, ou sente no estádio.

Lamentavelmente, o Brasil não tem mais o melhor futebol do mundo. Ainda somos o grande produtor de grandes jogadores mas, se quisermos ver um jogo de times importantes, temos que ligar a televisão – quem tem televisão a cabo – e ver o campeonato espanhol, o italiano, o inglês, que todos os atletas do mundo estão jogando lá. Os melhores da África, do Brasil, da Argentina, os melhores de todos os países estão jogando nesses países. Então, não praticamos mais aqui, nos nossos clubes, o melhor futebol do mundo, porque os times não têm dinheiro para agüentar um jogador aqui e competir com o preço do jogador lá fora.

Isso tem sido preocupação minha, porque acho que futebol é uma paixão nacional. Então, tenho feito o possível para ajudar os times de futebol. Mas é muito difícil competir com o peso econômico do dinheiro inglês, do dinheiro espanhol, do alemão. A molecada nasce, e quando chora, já falam: “Esse vai ser craque, vou levar”. Não pode contratar o menino, contrata o pai, leva para trabalhar lá fora. E nós vamos perdendo jogadores. De vez em quando, a gente vê convocar para a Seleção um grupo de jogadores que eu nunca tinha visto jogar no Brasil, e acho que nem vocês. São pessoas que se formaram lá fora e, portanto, o Brasil continua sendo essa máquina extraordinária de criar talentos e exportar. Esses dias eu fui ao Gabão – se vocês olharem o mapa da África, vão ver o Gabão. Quando chego lá, sabem quem eu encontro? O Jairzinho, técnico da seleção do Gabão.

Na verdade, eu não queria falar de futebol, mas como hoje é sábado, não é dia de conversa muito séria, e estamos em frente a um hospital, a gente



precisa ficar muito tranqüilo para não ter um chilique e ser o primeiro a ficar internado. Todos vocês estão felizes com este hospital. Agora, tenho certeza de que nenhum de vocês quer ser internado no hospital.

Isso me lembra uma piada que o Pezão me contou agora. Dizem que o padre estava muito entusiasmado numa igreja e falou: “Quem quer ir para o céu?” Todo mundo levantou a mão. Ele falou: “Quem quer ir agora?” Todo mundo baixou a mão. Então, isso vale para o hospital. O hospital é maravilhoso, mas a gente só quer vir aqui visitar alguém, a gente não quer ser internado. Eu peço a Deus que, aquelas camas maravilhosas, eu nunca tenha que utilizá-las.

Mas, meus companheiros, acabou a brincadeira. Vou dizer para vocês uma coisa séria: quando eu vim aqui, em 2006, já no segundo turno da campanha, e vim estabelecer uma aliança política com o Sérgio Cabral – porque nem ele, nem eu tínhamos ganhado as eleições no primeiro turno – eu disse ao Sérgio que tínhamos a possibilidade de construirmos a melhor parceria da história do estado do Rio de Janeiro e do Brasil, entre o governo do estado do Rio e o governo federal.

Eu dizia isso porque, se não houver parceria, quem perde é o povo. Se o Sérgio briga com o prefeito daqui, ou se o prefeito não gosta dele, ou ele não gosta do prefeito porque o prefeito pertence a um outro partido político; se eu não gosto do Sérgio e ele não gosta de mim e, por conta disso, a gente não constrói parceria, não fazemos projetos conjuntos, não fazemos acordos como este aqui, no fundo, no fundo, essa briga mesquinha dos governantes tem uma vítima no meio, e não são os governantes, a vítima é o povo.

Eu acompanho muito a história do Rio de Janeiro, porque o Rio é um estado extremamente importante politicamente, economicamente e culturalmente. Não tenho medo de dizer para vocês – e ele não tem nem dois anos de mandato ainda – que o Sérgio pode passar para a história como o melhor governador que este estado já teve.



Sabem por quê? É muito bom conversar com pessoas desprendidas, é muito bom fazer parceria com alguém que não está fazendo disputa menor, a disputa mesquinha das próximas eleições, de quem vai ser prefeito agora, de quem vai ser governador daqui a dois anos, de quem vai ser presidente. Não fomos eleitos para brigar e para fazer coisa pequena. Quando o povo votou na gente, votou acreditando que a gente ia fazer as coisas para melhorar a vida do povo.

É isso que o Sérgio tem feito nessa parceria com o governo federal. Está certo que, às vezes, ele exagera no pedido de dinheiro. E quando ele percebe que exagera, ele manda um tal de Pezão, que cada vez que chega a Brasília com um pacote debaixo do braço eu já preparo a Dilma: cuidado, que vai sair dinheiro.

Agora, é uma coisa boa. Graças a Deus, posso dizer para vocês, para o Sérgio, que temos hoje uma relação com os governadores do Brasil que nunca tivemos. E aqui, no Rio de Janeiro, vocês sabem o que passei no primeiro mandato. Vocês sabem quem governou este estado durante muito tempo.

Quando tem uma pessoa azeda, uma pessoa que não quer conversar, que pensa pequeno, a vítima nós sabemos quem é: é o povo pobre de cada cidade, de cada estado, e o povo pobre do País.

Aqui na Baixada Fluminense, eu também não tenho medo de dizer que desde que existe a Baixada Fluminense nunca houve a quantidade de investimentos em saneamento básico como está havendo agora. Só nesta cidade, sem o dinheiro do governo federal, sem o dinheiro do governo estadual, mas de financiamento para as prefeituras, só aqui em Duque de Caxias e em Nova Iguaçu temos mais de 700 milhões de reais em obras, além do dinheiro do estado e do Orçamento Geral da União. E eu nunca perguntei a que partido pertence o prefeito, se ele é amigo do Sérgio ou não. O que queríamos saber era se a cidade tinha problemas.

Eu dizia para o Sérgio: estou cansado de ver a Baixada Fluminense



aparecer na imprensa apenas nas páginas policiais, não é possível! Você abria as páginas dos jornais, a Baixada aparecia com crime e com desgraça. Não é possível! Primeiro, porque o povo é trabalhador. Segundo, porque ninguém no Rio de Janeiro, ninguém vai me convencer que aquelas notícias que vendem todo santo dia, que criam até um terrorismo para quem não é do Rio de Janeiro... Eu fico imaginando um turista espanhol, tentando convencer a namorada: “Vamos para o Rio de Janeiro, vamos lá na praia de Copacabana, vamos em Ipanema, é maravilhoso, não sei das quantas, lá tem um governador assim e assado”. Aí, pega um jornal brasileiro e está lá: “Não sei o quê, de violência no Rio de Janeiro”. O cara fala: “Bom, não vamos mais”. Não é que a gente não deva contar. A gente tem que anunciar o fato sem fazer apologia. Alguns dizem que vamos resolver o problema da violência no Rio com a polícia. Eu, particularmente, não acredito que a polícia, por si só, resolva o problema da violência.

Por isso estamos fazendo os investimentos na Baixada, por isso estamos fazendo investimentos em Pavão-Pavãozinho, na Rocinha, no Complexo do Alemão, em Manguinhos. Por que estamos fazendo investimentos? Porque acredito que quando o governo federal, o governo estadual e a prefeitura chegarem nos bairros mais pobres deste país levando escola, luz elétrica, água potável, coleta de esgoto, área de lazer, cultura, levando possibilidade de trabalho, escola para formar profissionalmente as pessoas, tenho certeza que vamos ganhar do crime organizado, porque estaremos oferecendo oportunidades ao povo deste país. Sem oportunidade, não se leva as pessoas a terem esperança.

Passamos 20 anos em que a economia brasileira não crescia, a construção civil só desempregava, a indústria só desempregava, foram 20 anos. Vinte anos é uma geração inteira que se perdeu neste país. Esses jovens de 30 anos que a gente vê presos – se cometeram crime, têm que ser presos mesmo – são resultado do abandono a que foram submetidos pelas políticas



públicas dos governos. Qual era a oportunidade que eles tinham?

Agora, qual é a vantagem, Sérgio? Este ano, só este ano, vamos criar mais de 2 milhões de empregos com carteira profissional assinada. Vocês sabem o que significa 2 milhões de empregos gerados em um ano? É mais do que os oito anos passados, em apenas um ano. As coisas estão acontecendo. Construimos uma relação de amizade com os governadores e com os prefeitos, estamos construindo as coisas conjuntamente, aprendemos a governar melhor no segundo mandato, pensamos o PAC.

Construir um hospital como este aqui, numa região como esta, antigamente era impensável. Os lá de cima, os que moram no andar de cima, acham que os que estão no andar de baixo não precisam ter direitos: mulher pobre não tem que ter um parto decente, não tem que ter exame naquelas máquinas chiques em que só os ricos faziam. Agora tem aqui para vocês. Aquela quantidade de máquina que a gente não sabe nem falar o nome agora, em que só grã-fino fazia, agora tem aqui, para a pessoa mais rica de Duque de Caxias fazer, mas também para a pessoa mais pobre fazer. Até porque, quando a gente está num leito de hospital não tem rico, nem pobre. Nós todos descobrimos, num leito de hospital, o quanto somos frágeis.

Então, eu quero dizer para vocês da minha alegria. Tem mais coisas para fazer aqui. O Hospital de Queimados já era para estar pronto. Depois que fomos anunciar teve um problema no terreno, demorou muito para desapropriar. O hospital ortopédico, lá na ex-sede do Jornal do Brasil, também já era para estar pronto. Levamos muito tempo para legalizar aquela situação. Mas, este ano, estarei vindo aqui para a gente inaugurar o Hospital Sara Kubitschek lá em Jacarepaguá, que vai estar pronto em novembro, então vamos inaugurar.

Quero dizer a vocês que estamos levando daqui, do Rio, uma coisa importante, que são as unidades de pronto-atendimento, a famosa UPA. No governo federal, vamos construir 500 no Brasil, até 2010.



Estou vendo aqui o Cesário, está ali em pé, foi presidente do Sindicato dos Petroleiros aqui. Quero dizer o seguinte: o Brasil está vivendo um momento, eu acho, maravilhoso. Lógico que temos uma dívida secular, e essa dívida secular a gente não consegue pagar do dia para a noite, é um processo em construção.

Mas agora descobrimos mais petróleo, e cada dia um pouquinho mais. E tenho dito publicamente: com uma parte desse dinheiro do petróleo nós vamos resolver o problema da pobreza e da educação neste país. Para uma mãe pobre e para um pai pobre não existe legado mais extraordinário para deixar para um filho. A gente gostaria de deixar uma casa para o filho, um carro, uma série de coisas. Mas se a gente deixar o nosso filho com uma profissão, se ele chegar à universidade, então, é uma coisa extraordinária que estaremos permitindo que aconteça neste país.

Tenho certeza de que essa parceria tão extraordinária que estamos construindo aqui no Rio de Janeiro com o governador Sérgio Cabral... eu tenho mais dois anos e quatro meses, ele tem mais dois anos e quatro meses de mandato, eu do meu segundo, e ele do primeiro... a gente aprendeu e vai fazer cada vez mais.

Peço a Deus que nenhum de vocês precise utilizar este hospital. Mas ele está aqui para quê? Para que, se as pessoas precisarem, não tenham que morrer na rua por falta de hospital ou por falta de atendimento. Ele está aqui como se fosse um seguro de vida. Nós estamos torcendo para que vocês nunca precisem. Obviamente que esse não é o pensamento dos médicos, porque senão eles perdem o emprego, os médicos estão querendo que vocês venham.

Agora, isto aqui é uma espécie de seguro de vida. Se alguém tiver uma dor de barriga, não tem mais que pegar um ônibus e ir para a capital. Aqui mesmo vai ter um hospital de excelência onde vocês poderão ser tratados como sou tratado no Sírío Libanês, lá em São Paulo, como sou tratado no



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Einstein, em São Paulo, ou seja, nos melhores hospitais deste país.

É isso que vocês merecem porque, independentemente da cor, da religião, do sexo e da origem social, vocês são brasileiros e brasileiras, e precisam ser respeitados.

Um abraço e boa sorte!

(\$211A)